



Cidadania juvenil em rede: Aldeia, Encine e as mídias digitais na configuração da comunicação cidadã¹

Daniel Barsi Lopes²

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS

RESUMO:

O artigo aborda as relações entre os movimentos juvenis de rede e as mídias digitais, refletindo sobre a maneira como os usos e as apropriações das novas tecnologias da comunicação, pela juventude atuante nos movimentos sociais, pode configurar o exercício cidadão na contemporaneidade. Para dar conta disto, o texto resgata brevemente o contexto dos novos movimentos sociais e suas demandas culturais; trata da importância das redes sociais na conformação de uma cidadania constituída a partir da comunicação; e apresenta as associações Aldeia e Encine, objetos da investigação, cujos jovens participantes, a partir do conhecimento e do manuseio das tecnologias comunicativas, têm a potencialidade de poderem atuar como produtores midiáticos e fomentadores de cidadania.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; cidadania; juventude; mídias digitais; movimento social.

Introdução

Com o advento da tecnologia novas formas e possibilidades de sociabilidade se fazem presentes. As relações interpessoais abrem um grande espaço para as relações via rede; o vínculo perde espaço para o fluxo; as distâncias diminuem e países separados por milhares de quilômetros se aproximam com as fibras óticas e com os satélites; o e-mail torna a carta e o telegrama obsoletos; o *Skype*³ permite que se fale com alguém em qualquer parte do mundo sem o uso (e o custo elevado) do telefone; enfim, o planeta se torna pequeno e o tempo das pessoas e das coisas se torna acelerado. Interessante quando Gumbrecht (1998) nos fala da “situação pós-moderna”, intrinsecamente ligada e em muito proporcionada pelos fenômenos da midiatização. Para este autor, essa

¹Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, no IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Bolsista FUNCAP – Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico. E-mail: daniel_barsi@yahoo.com.br.

³ Empresa global de comunicação via Internet, permitindo comunicação de voz e vídeo grátis – através de conexões de voz sobre IP (VoIP) – entre os usuários do software. O Skype está disponível em 27 idiomas e é usado em quase todos os países.

situação seria composta por outras temporalidades sociais, ou seja, por uma espécie de inchaço do presente.

Neste contexto, parece ficar cada vez mais evidente uma relação simbiótica entre novas tecnologias⁴ e sociedade – na qual uma não pode ser estudada sem que levemos em consideração aspectos da outra –, especialmente no caso de países como o Brasil, bastante antenado com as tecnologias midiáticas e que vem passando por um intenso processo de inclusão digital⁵ ao longo de seu território nos últimos anos⁶. Mas como os novos movimentos sociais em nossa nação – cujas demandas ultrapassam em muito os aspectos meramente políticos e vinculam-se, também, às necessidades e questões culturais – podem ser atravessados e reconfigurados pelas novas mídias nesse cenário? De que maneira os movimentos sociais em rede e a utilização de aparatos tecnológicos podem atuar na construção de uma cidadania comunicativa por parte dos atores coletivos juvenis em uma sociedade civil organizada? Quais processos são articulados quando os jovens passam de uma condição de recepção⁷ a uma outra que envolve, também, a produção e a circulação, através das redes, de conteúdos midiáticos?

As questões norteadoras explicitadas acima fazem parte de uma pesquisa maior⁸, desenvolvida no doutorado em Ciências da Comunicação. Para este artigo – que ainda não traz resultados empíricos, em virtude da temporalidade da investigação – buscamos

⁴ Temos clara a imprecisão que ainda envolve o termo “novas tecnologias”, dado o não tão antigo surgimento da temática como foco de atenção das pesquisas acadêmicas. Entretanto, no sentido de evitar a constante repetição da nomenclatura “mídia digitais”, optamos, aqui, por usar esses conceitos, bem como “novas mídias”, ou a mescla entre eles, como coisas semelhantes, mesmo tendo em conta que existem especificidades em cada um desses termos.

⁵ Os processos de inclusão digital são extremamente importantes para a democratização dos meios de comunicação, mas temos em conta, no entanto, que eles, por si só, não resolvem a questão se não forem acompanhados de um movimento de educação dos sujeitos sociais para o uso e a apropriação das mídias, sejam elas as tradicionais ou as chamadas novas mídias digitais. Sem a educação como alicerce a inclusão digital torna-se um processo atrofiado, que não explora toda a sua potencialidade.

⁶ Fala de Jeremiah Spence, doutorando da Universidade do Texas, em conferência intitulada “Salas de acesso público à internet no Brasil: um olhar estrangeiro”, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 19 de agosto de 2008. O pesquisador aponta que existem desigualdades regionais no processo de inclusão – como, por exemplo, entre o Sudeste e o Norte –, mas que, de modo geral, ao contrário do que muitos podem pensar, o país vem trabalhando de modo eficaz contra as desigualdades de acesso às novas tecnologias digitais.

⁷ O termo “recepção” é utilizado aqui se tendo em conta as limitações de sua nomenclatura, passível de muitas críticas devido ao seu reducionismo. Entretanto, na falta de outro termo que seja igualmente difundido na pesquisa em comunicação acabamos sendo levados a optar por “recepção” e “receptor”, tendo claro que os receptores são produtores de sentidos a partir de sua inserção sociocultural.

⁸ Pesquisa iniciada em 2008, no doutorado em Ciências da Comunicação da Unisinos, cujo título provisório é “A cidadania comunicativa sob a ótica da recepção: usos e apropriações das novas tecnologias pelos jovens do *Aldeia* e do *Encine*, em Fortaleza/CE”, sob a orientação da Profa. Dra. Denise Cogo.

refletir sobre os vínculos entre as redes de movimentos juvenis da sociedade civil e as novas mídias, apresentando nossos objetos de referência – as associações *Aldeia e Encine*, ambas localizadas em Fortaleza/CE –, que são percebidos como organizações nas quais os jovens têm a possibilidade de construir um exercício de cidadania através da produção de conteúdos, num sentido de reconhecimento e de visibilização de sua identidade nesse processo de atuação e engajamento dos atores coletivos juvenis.

Para tentarmos compreender essas articulações entre as novas mídias e as redes de associações da sociedade civil de forma mais consistente faz-se necessário contextualizar brevemente os novos movimentos sociais (ou seriam movimentos culturais?) em nossa contemporaneidade e suas relações com um processo de reconhecimento identitário.

2 – Os novos movimentos sociais e as demandas culturais

Os movimentos sociais têm sua importância consagrada ao poderem atuar como verdadeiras mediações entre indivíduos e instituições, reconstruindo as lógicas que o espaço público perdeu, retomando todas essas questões, a partir dos filtros cognitivos que podem se tornar esses espaços de luta (WOLTON, 1999). Os movimentos sociais, ainda a partir das reflexões advindas com este autor, destacam-se ao agirem como instâncias de referências dos sujeitos, não os deixando sós diante do Estado e do mercado. Esses grupos organizados adquirem características específicas – e remodeladoras do panorama contemporâneo – em nossas sociedades complexas, onde a cultura ganha destaque como um dos eixos norteadores das vivências dos atores coletivos.

Os novos movimentos sociais (MELUCCI, 2001; TOURAINE, 1998) caracterizam-se por ter na consciência e na prática de suas ações temáticas e lutas outras que não somente às ligadas aos movimentos operários e de classe da sociedade industrial. No pós-industrialismo – diferentemente do período industrial, quando a luta de classes pelos meios de produção dominava a cena política – emergem outras demandas, fazendo surgir novos tipos de movimentos, cujos interesses voltam-se para outras questões, como, por exemplo, a ecologia, a diversidade e a liberdade sexuais, o feminismo, a cultura, dentre uma série de outros assuntos que passam a ser tematizados

e agendados por esses novos movimentos, que mais do que mudar a sociedade, querem mudar a vida (TOURAINÉ, 1998).

Os movimentos sociais ‘a partir de baixo’ [...] são igualmente defensores da diversidade social e cultural e, portanto, também, da equidade, que supõe o pluralismo da diferença, ao passo que o apelo à igualdade alimenta frequentemente uma política de homogeneização e de recusa das diferenças em nome do caráter universal da lei (TOURAINÉ, 1998, p. 127).

É quando a sociedade pós-industrial emerge – fragmentada, multifacetada e sem ter mais o grande totem político como eixo ordenador de suas vivências e como instância de identificação ideológica imediata – que assistimos ao surgimento de novas demandas dos cidadãos, que não buscam mais apenas o reconhecimento em termos jurídicos, mas, também, no âmbito da cultura e da identidade. “Nas sociedades de intensa desigualdade, como a brasileira, os conflitos que incidem sobre os direitos de cidadania [...] se mesclam com novas formas, revestidas de caráter cultural e simbólico” (MELUCCI, 2001, p. 18). Nesse sentido, de novas demandas de caráter mais vinculado à cultura, Touraine (1998) aponta a defesa das minorias (étnicas, nacionais, morais e religiosas) como um dos elementos configuradores dos chamados movimentos culturais.

Os novos movimentos sociais ultrapassam a questão da política como algo *strictu sensu*, ou seja, no sentido do partidarismo, das afiliações e da ideologia política, que passam por um movimento de fragmentação, percurso este em muito atravessado e modificado justamente pelos processos midiáticos hodiernos (ESTEVES, 2003). O caráter político das negociações de sentidos, do compartilhamento de símbolos, da discursivização das identidades continua presente na esfera pública contemporânea, assumindo, no entanto, novos contornos, em muito proporcionados pela ascensão da sociedade em rede e pela presença cada vez mais forte das mídias digitais na configuração das nossas sociabilidades. Para Cortina (2005) a identidade assume uma posição central na construção do exercício cidadão, portanto as diversidades culturais assumem uma importância crescente como elemento norteador dos novos movimentos sociais, orientados por uma perspectiva multiculturalista, que promova o diálogo e a negociação de sentidos entre as “minorias” étnico-culturais e o centro (SEMPRINI, 1999), construindo uma prática de cidadania cosmopolita (CORTINA, 2005).

Como os movimentos sociais (ou culturais) articulados em rede podem promover a construção da cidadania e fomentar a consolidação de um espaço público

multicultural e democrático? De que forma as mídias digitais, especialmente a internet, reconfiguram a atuação desses movimentos? De que modo os sujeitos sociais, mais do que receptores de produtos midiáticos, podem se transformar, eles mesmos, em produtores de conteúdos, a partir das possibilidades abertas com as novas tecnologias?

3 – As redes na configuração da cidadania comunicativa

Falar em redes requer ter clareza acerca da complexidade e da amplitude do termo, tendo em vista que são muitas e variadas as concepções que dizem respeito ao conceito. Os estudos sobre as redes foram levados a cabo especialmente por matemáticos e depois começaram a conquistar o interesse de diversos ramos das ciências sociais (RECUERO, 2006). Interessa-nos aqui, especificamente, o conceito das redes sociais, ou seja, a rede atrelada à sociedade, à comunicação e à cultura. O panorama da globalização – no qual assistimos à velocidade das mudanças e o avanço das tecnologias digitais, somados à compressão do espaço-tempo – potencializa a formação de redes sociais, ou seja, a configuração de comunidades por afinidade. Não mais aquelas comunidades ditas tradicionais, das quais somos muitas vezes impelidos a participar por uma relação “natural”, mas as comunidades das quais elegimos participar.

É neste cenário de globalização, digitalização e alterações nas formas de ser e estar no mundo dos atores coletivos que presenciamos a ênfase em novas demandas cidadãs e o destaque às profundas transformações midiáticas e sociais, advindas com a disseminação em larga escala das novas tecnologias da comunicação. O avanço dessas tecnologias tem intensificado e fortalecido os novos movimentos culturais de rede, profundamente atrelados às possibilidades oferecidas pelas mídias digitais. “A velocidade, as características retóricas e a conectividade da internet podem ser usadas para organizar movimentos sociais” (POSTER, 2003, p. 331). O panorama atual dos movimentos sociais de rede mostra a força da relação entre cidadania e mídia, energia esta expressada nas possibilidades de usos das novas tecnologias da comunicação para o desenvolvimento das organizações da sociedade civil e, principalmente, para o reconhecimento e a troca entre elas.

A maior parte dos movimentos sociais e políticos do mundo, de todas as tendências, usa a internet como forma privilegiada de ação e organização. [...] A internet é fundamental porque se podem lançar mensagens como está: ‘aqui estou eu, este é o meu manifesto. Quem

está de acordo comigo? O que podemos fazer?’ A transmissão instantânea de idéias em um âmbito muito amplo permite a coalização e a agregação em torno de valores (CASTELLS, 2003b, p. 276-277).

Acreditamos que a passagem da comunidade para a sociedade em rede (CASTELLS, 2003a) pode suscitar reflexões interessantes acerca das possibilidades de construção de um espaço público multicultural e democrático. As comunidades, constituídas muitas vezes como espaços fechados e ideologicamente orientados, podem acabar por serem norteadas por uma perspectiva monocultural, dificultando o acesso e a negociação com as diversidades culturais e com as minorias étnicas. As redes podem fomentar a descentralização de poderes, a interação de demandas, a conexão entre o global e o local, possibilitando que movimentos e associações da sociedade civil locais tenham repercussão globais e que movimentos de presença e importância internacionais tenham acesso e atuem localmente.

Os movimentos sociais na contemporaneidade são mais movimentos de valores, e a organização em rede, através especialmente da internet, auxilia a congregar os diversos grupos, que se unem e podem trabalhar de forma conjunta a partir das demandas afins, proporcionando a visibilidade das temáticas pelas quais lutam, sejam elas as causas ecológicas, o feminismo, o acesso ao pleno emprego, a diversidade sexual, o aborto, dentre uma série de outras questões que, interligadas pelas redes, conseguem muitas vezes sair do anonimato (ou ganhar um número significativo de adeptos) e chegar à cena da esfera pública midiática. A territorialidade e o tradicionalismo da comunidade cedem espaço para a desterritorialização e a diversidade da rede, apesar de sabermos que a importância do local permanece preservada.

Não podemos aqui, entretanto, cair em uma visão polarizada e extremista (da qual somos ferozes críticos) e deslumbrarmo-nos com todos os potenciais da rede. Os movimentos sociais organizados em rede também têm suas limitações e algumas de suas maiores características de “marketing” (como a liberdade e a descentralização) nem sempre se processam da maneira como seus entusiastas apregoam. Relações de poder existem sempre, e não poderia ser diferente no âmbito das redes. Os movimentos sociais na era das mídias digitais também são organizados de forma hierárquica, o que supõe poder e algum tipo de controle. E ao contrário do que se pode supor, nem todas as redes se manifestam de forma descentralizada. É sabido que as redes são atravessadas pelas

formações de *hubs* e *clusters* (RECUERO, 2006), ou seja, por nós que têm mais conexões do que outros nós, e que, justamente por seu maior grau de conexão, tendem a se conectar cada vez mais, gerando pontos centralizadores.

As redes não seriam constituídas de nós igualitários, ou seja, com a possibilidade de ter, mais ou menos, o mesmo número de conexões. Ao contrário, tais redes possuiriam nós que seriam altamente conectados (*hubs* ou conectores) e uma grande maioria de nós com poucas conexões (RECUERO, 2006, p. 35).

A despeito das limitações das redes, acreditamos que elas podem sim fomentar um exercício cidadão efetivo quando colocadas em prática na atuação dos movimentos sociais e no uso que eles fazem das mídias digitais. cremos que o potencial transformador do vínculo entre a comunicação e a emancipação dos indivíduos se dá apenas de uma maneira atrofiada e parcial quando a mídia hegemônica (a televisão, por exemplo) “oferece” uma cidadania a partir “de cima” (BARSILOPES, 2008) e um receituário pronto de monocultura, identidade e reconhecimento aos sujeitos sociais, mas pode ser muito mais enriquecida quando os receptores (agora também vistos como produtores) vão em busca da comunicação – a partir das novas mídias –, e de toda a sua potencialidade, no sentido de alimentar e modernizar os movimentos culturais, produzindo uma cidadania “desde baixo”, que contemple as diversas miscigenações que existem dentro da sociedade, favorecendo, com isso, a formação de um espaço público multicultural e democrático.

É fato que o receptor nunca foi passivo e atomizado, e que só muito tardiamente essa visão foi sendo alterada no panorama das pesquisas científicas no campo da comunicação, a partir, especialmente, dos teóricos dos estudos culturais, que passaram a perceber a importância fundamental da cultura no processo de (re)apropriação dos conteúdos midiáticos (COGO, 2008). Mas o que se busca refletir agora é que, além de produtores de sentidos – a partir de sua inserção sociocultural – acerca do que “recebem” dos meios de comunicação, os receptores podem, também, atuar, eles mesmos, como produtores de conteúdos. É nessa ação de produção que os receptores-produtores podem ajudar a construir um espaço público multicultural, executando verdadeiramente um processo de negociação (e não de assujeitamento dos mais fracos perante os mais fortes) entre as diversas culturas, as múltiplas identidades e as distintas demandas dos cidadãos. É quando esses receptores-produtores põem a “mão na massa”

que podemos vislumbrar uma possibilidade concreta de visibilizar as culturas ditas minoritárias. É nesse momento que vemos as mídias digitais dando voz aos atores coletivos, possibilitando que eles intervenham efetivamente na sociedade, a partir da atuação dos novos movimentos sociais em rede.

É claro que este caminho não é fácil e nem curto. Seria absolutamente simplista e redutor (para não dizer utópico) perceber no vínculo entre mídia e movimentos sociais/culturais a salvação para todos os males do espaço público contemporâneo. Temos clareza de que o direito à comunicação ainda é precário em nossa nação e acompanhamos os diversos movimentos pela democratização das comunicações, pelo acesso amplo e irrestrito aos espaços virtual e digital, pela formação de novas pessoas capazes de operacionalizar todo o potencial das novas tecnologias da comunicação e da informação, dentre uma série de outras demandas que ainda carecem de realização, de modo a contemplar os cidadãos de forma plena.

Mas também não podemos simplesmente deixar de ter em conta que já são consideráveis as associações da sociedade civil que procuram contemplar em seus trabalhos nas comunidades os atravessamentos entre a população e as mídias digitais, no intuito de tornar esses cidadãos mais do que meros espectadores, mas sim, também, produtores e interventores. Originando-se dessa perspectiva vemos, por exemplo, jovens de periferia participando de oficinas e de cursos técnicos de vídeo; moradores de áreas de risco conscientizando a vizinhança com esquetes (muitas vezes elaboradas em pequenas ilhas de edição, a partir de recursos de fácil aprendizagem) ou outros materiais audiovisuais de divulgação contra os diversos tipos de violência (urbana, doméstica, policial, etc.); sujeitos sociais registrando o cotidiano das favelas (os fatos imprevistos, as "batidas" policiais, o tráfico de drogas, as disputas entre grupos rivais, etc.) a partir das câmeras nos celulares; escritores iniciantes disponibilizando seus textos para leituras e trocas na internet; adolescentes aperfeiçoando desde cedo a arte da fotografia com as câmeras digitais, que permitem uma série de interferências artísticas e criativas; sujeitos de demandas trazendo visibilidades às suas causas através de programas voltados para as especificidades da comunidade ou do bairro, a partir das rádios comunitárias (cuja modernização em seus aparatos tecnológicos vem sendo incentivada e alimentada pelas mídias digitais). Isso tudo sem falar da interação, ajuda mútua e participação entre os próprios movimentos sociais, possibilitadas pelas redes sociais, que aproximam

movimentos com causas afins, compartilhando intervenções sociais. Sobre isso, Martín-Barbero (2006, p. 69) afirma:

E para os apocalípticos – que tanto abundam hoje – aí estão os usos que muitas minorias e comunidades marginalizadas fazem das tecnologias introduzindo [...] distorções no discurso do global, através das quais emerge a palavra de outros, de muitos outros. E essa reviravolta evidencia nas grandes cidades o uso das redes eletrônicas para construir grupos que, virtuais em seu nascimento, acabam territorializando-se, passando da conexão ao encontro, e do encontro à ação.

Ou seja, ao contrário do que afirmaram (e alguns continuam a afirmar) muitos dos teóricos pessimistas da comunicação, a internet não isolou os indivíduos da sociedade. Se fossem confirmadas todas as previsões catastróficas que foram feitas acerca da rede mundial de computadores há 15 anos atualmente não existiriam mais livrarias, supermercados ou concessionárias de veículos, por exemplo, pois os indivíduos fariam todas as suas compras de dentro de suas casas, através de seus computadores pessoais. E, de maneira alguma, este é o cenário que vivenciamos na contemporaneidade, até porque a internet é uma mídia que se entrelaça profundamente com as relações de sociabilidade interpessoais. A rede opera em uma relação de simbiose, de complementaridade com os vínculos face-a-face (BRAGA, 2006), possibilitando que muitas das conexões e das possibilidades interventoras que tenham início na internet saiam do “mundo virtual” e se concretizem no espaço “real” dos seus usuários, ofertando novas potencialidades da mídia para a atuação cidadã.

As redes online, quando se estabilizam em sua prática, podem formar comunidades, comunidades virtuais, diferentes das físicas, mas não necessariamente menos intensas ou menos eficazes na criação de laços e na mobilização. Além disso, o que observamos em nossas sociedades é o desenvolvimento de uma comunicação híbrida que reúne lugar físico e ciber lugar (CASTELLS, 2003a, p. 109-110).

Acerca das relações entre cidadania e um segmento social específico, como a juventude, por exemplo, Ribeiro e Novaes (2008) reiteram o potencial das novas tecnologias como ferramentas importantes para a mobilização e o exercício cidadão organizado. As autoras (p. 7) nos dizem que:

Costuma-se dizer que os expedientes virtuais, vinculados às novas tecnologias de informação, afastam os(as) jovens do mundo real. Relativizando tal generalização, observamos que as novas tecnologias da informação e comunicação (tais como internet – blogs, fotologs,

páginas pessoais, fóruns de discussão, celular, entre outras) surgem como importantes instrumentos de organização, de registro de atividades, de disseminação das demandas e mobilização etc. entre jovens organizados(as).

4 – *Aldeia, Encine* e seus receptores-produtores

Aldeia e *Encine*⁹, objetos de referência da investigação, são associações localizadas em Fortaleza/CE, que trabalham com jovens de periferia. A área de atuação das duas ONGs é muito semelhante, englobando o perímetro do Mucuripe (região portuária da cidade), especialmente a juventude do Morro Santa Terezinha, uma das áreas mais violentas¹⁰ da capital do Ceará, cuja vista da favela volta-se para a luxuosa orla da Beira Mar, num exemplo claro de desigualdade social no qual estão inseridos esses atores coletivos, convivendo de perto com o abismo que parece separar o morro do asfalto.

Aldeia e *Encine* têm propostas de atuação muito próximas, acreditando na inclusão social do jovem a partir do manuseio e do empoderamento das mídias digitais. Na concepção das ONGs, as novas tecnologias da comunicação possibilitam que a juventude possa produzir seus próprios conteúdos midiáticos e fazê-los circular através das redes, fomentando um processo de construção e visibilização de suas identidades (a partir de suas demandas, de seu reconhecimento dentro de uma territorialidade e de uma noção de pertencimento a uma sociedade em profunda transformação). É também a partir do acesso às mídias digitais, do manuseio da tecnologia, que esses jovens vulneráveis, em situação de risco, podem conseguir superar a barreira social e inserirem-se na sociedade, como atores que participam e intervêm coletivamente na construção da cidadania (LIMA, 2009)¹¹.

Entre as produções das ONGs podemos listar blogs; oficinas de produção audiovisual; produção (a partir de câmeras digitais e de celulares), edição (com softwares livres) e divulgação (nas redes) de vídeos; cursos de crítica da mídia; exibição de vídeos na favela a partir de cineclube; produção do Megafone, programa televisivo

⁹ *Aldeia* e *Encine* surgiram em 2004 e 1999, respectivamente.

¹⁰ A região é bastante visibilizada na mídia local sempre que o assunto em pauta diz respeito à criminalidade (assaltos, homicídios e tráfico de drogas) e à vulnerabilidade social.

¹¹ As citações neste tópico do artigo vêm das entrevistas realizadas com Simone Lima e Valdo Siqueira (diretores do *Aldeia*) e com Ives Albuquerque (diretor do *Encine*).



veiculado na TV Cultura de Fortaleza; dentre uma série de outros projetos envolvendo mídia e juventude.

Ambas as associações percebem a juventude como intrinsecamente vinculada a essa participação interventiva através das novas mídias. Segundo Siqueira (2009),

os conteúdos audiovisuais [...] estão muito próximos dos jovens das comunidades periféricas, das comunidades que às vezes sofrem e não tem acesso ao livro, mas tem acesso ao celular, às mídias móveis, às mídias digitais, que são muito mais próximas deles.

A dominação da linguagem e da técnica das novas mídias proporciona à juventude, na visão das ONGs, a possibilidade de narrar sua própria história. Interessante quando Lima (2009) afirma que “o uso da mídia serve para pensar. [...] Ter a mídia faz parte da cidadania, da consciência e da necessidade de auto-afirmação como sujeito”. Ao apropriar-se de um conhecimento ligado ao audiovisual os jovens estariam adquirindo vários outros conhecimentos distintos e acabariam por incorporar um repertório diferente. “Cada vez mais a gente vê que é importante a gente dar autonomia e potencializar cada vez mais os jovens e a sociedade em geral para produzir os seus conteúdos e refletir sobre eles, refletir sobre a sociedade a partir dessas produções de mídia” (ALBUQUERQUE, 2009).

As ONGs congregam uma série de pontos de cultura dentro do Estado do Ceará, aproximando as produções culturais desses jovens através das redes. O material produzido pela juventude é divulgado e compartilhado através de blogs e sites na internet, permitindo que outros jovens – de outros pontos de cultura, de outras associações e, até mesmo, de outros estados – efetivem uma participação colaborativa na construção dessa produção midiática através das redes.

O LACE – Laboratório de Comunicação Educativa, segundo Albuquerque, converteu-se atualmente no grande projeto do *Encine*, no maior desafio da instituição. Trata-se da construção de uma rede autônoma entre as escolas produzindo comunicação, com laboratórios que possibilitem que essas escolas estejam conectadas e visibilizadas na internet e que propiciem que os jovens tenham uma câmera de vídeo, permitindo

que ela [escola] transmita via *streaming* o programa que os alunos dela fazem. Ela está no Piauí e troca conteúdo com a escola de Santa Catarina, e aí você cria uma rede de comunicação viva, de base, autônoma, uma grande rede social de comunicação. Uma grande rede de comunicação, mas que parte da própria sociedade, e não parte apenas de uma grande veículo de comunicação que dissemina para todos (ALBUQUERQUE, 2009).

Percebemos aí, com nitidez, a importância que adquirem as redes sociais para as ONGs investigadas neste artigo, possibilitando a interação entre escolas e associações com temáticas afins propiciando a troca e o diálogo entre esses pequenos núcleos de produção midiática – blog, fotografia, desenho animado, vídeo, etc. O LACE já existe e conta com quatro laboratórios implantados.

O grande desafio hoje da gente é o de dizer que os meios de comunicação não devem estar veiculados apenas às grandes empresas de comunicação. A gente tem que criar grandes redes de comunicação ramificadas, pulverizadas, descentralizadas, com as pessoas podendo construir os seus conteúdos, publicar esses conteúdos, ter troca de conteúdo, e que não esteja atrelado a interesses econômicos. [...] Isso é militância social, isso é movimento social também (ALBUQUERQUE, 2009).

No *Aldeia*, os coordenadores afirmam que nos últimos tempos a produção tem se voltado basicamente para o trabalho com a cultura digital, a partir de uma ação colaborativa com mais de 40 pontos de cultura no Ceará. São citados os projetos de formação no audiovisual. “Uma vez feita a formação do audiovisual aí os jovens conseguem se apoderar dos conceitos de tecnologia e aí eles fazem seus próprios vídeos” (SIQUEIRA, 2009). A partir disso, há toda uma troca de vídeos entre os sites que fazem parte destes pontos de cultura, formando uma verdadeira rede de atuação, pois o *Aldeia* quer “passar a história do conhecimento livre, de todo conhecimento compartilhado e colaborativo” (LIMA, 2009). A associação se considera um “guarda-chuva” de projetos, amparando diversas idéias de inserção cultural da juventude de periferia. O *Aldeia* também trabalha com música (incentivando e divulgando grupos locais) e promove semanalmente as atividades de um cineclube no próprio Morro Santa Terezinha, cuja organizadora do evento, a jovem Sharliane (moradora do Morro), é formada nas turmas de capacitação da associação.

Considerações Finais

Depois do que vem sendo exposto neste artigo, fica nítida a nossa posição esperançosa com relação ao vínculo entre movimentos juvenis de rede e mídias digitais, no sentido de fortalecer uma prática cidadã que possibilite a performance dos atores coletivos contemporâneos como sujeitos interventores, criativos, atuantes, que se

lançam, eles mesmos, na produção e disseminação de seus manifestos, na visibilização e circulação de suas demandas, na consolidação de suas identidades culturais e no diálogo constante com os poderes dominantes, possibilitando, enfim, uma efetiva participação dos grupos ditos minoritários na sociedade.

Temos a clareza, no entanto, de que nem todos os movimentos sociais e as associações da sociedade civil organizados em rede regem-se pela lógica da democracia ou da cidadania participativa. Os movimentos também seguem lógicas hierarquizadas em suas formações e igualmente são atravessados por disputas de poder, que podem, muitas vezes, interferir em suas próprias manifestações. Será democrático e cidadão um movimento em rede que congrega, através da internet, adeptos da luta em defesa dos jovens dependentes químicos, por exemplo, mas cuja diretoria não permite que seus membros se manifestem livremente ou cujas postagens na *web* são controladas de forma autoritária? E, ainda neste sentido de inquietações, o acesso às mídias digitais, quer dizer, necessariamente, prática de cidadania? Como se dão esses processos de “formação do olhar do jovem” (LIMA, 2009) nos cursos de capacitação? De que maneira se localizam as associações em questão na tênue linha que separa transmissão de conhecimentos e abertura de possibilidades inventivas a partir dos usos e das apropriações das tecnologias midiáticas?

Ou seja, os movimentos em rede, sejam eles sociais, culturais, socioculturais ou qualquer que seja a denominação, e suas articulações com as novas tecnologias da comunicação também são passíveis de críticas e carecem de contribuições em seus desenvolvimentos. É neste sentido (de perceber não só os aspectos positivos, mas, também, as limitações dos diálogos entre ONGs e mídias digitais) que a investigação terá prosseguimento, buscando analisar os processos engendrados pela juventude nesta construção de cidadania, a partir das mídias digitais, nos espaços dos movimentos de rede.

As entrevistas em profundidade e as histórias de vida com os jovens de periferia atuantes no *Aldeia* e no *Encine* e o acompanhamento sistemático das ações da juventude participante nas associações serão os próximos passos metodológicos na pesquisa em curso, cujas estratégias metodológicas já desenvolvidas até então contam com um mapeamento exploratório dos movimentos sociais que atendessem às demandas da investigação; seleção das associações *Aldeia* e *Encine* e posterior aproximação

sistematizada com seus universos; e entrevista com os diretores dos movimentos em questão.

Enfim, no sentido de finalizar essas reflexões iniciais, acreditamos na potencialidade¹² dos usos e das apropriações que podem ser feitos, por parte dos atores sociais juvenis contemporâneos, das novas tecnologias da comunicação, no que dizem respeito, especialmente, a duas questões: a) às redes sociais, que podem proporcionar a interligação e a atuação conjunta desses movimentos, possibilitando a interação e a ação colaborativa entre os jovens participantes das ONGs, mesmo que estejam distantes fisicamente; b) aos usos interventores e criativos possibilitados pelas mídias digitais aos sujeitos de demandas. Apesar da grande distância que ainda deve ser percorrida, a popularização dessas tecnologias e a cada vez maior acessibilidade a essas novas mídias, cuja penetração nas periferias das grandes cidades¹³ se faz corriqueiramente presente, faz com que se possa vislumbrar um novo cenário de atuação cidadã. É justamente aí onde devem entrar os atores coletivos juvenis, plurais em suas identidades e necessidades, agindo como receptores-produtores, intervindo na sociedade, ajudando a construir uma cidadania em rede.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, Ives. **Depoimento** [fev. 2009]. Entrevistador: Daniel Barsi Lopes. Fortaleza, 2009. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa Juventude, cidadania e multiculturalismo: *Aldeia, Encine e seus receptores-produtores midiáticos*.

BARSI LOPES, Daniel. **Violência e cidadania na sociedade midiaticizada: o programa Linha Direta sob a ótica da recepção**. 2008. 275 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2008.

BRAGA, Adriana. **Feminilidade mediada por computador: interação social no circuito-blogue**. 2006. 338 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2006.

¹² Preferimos falar atualmente em “potencialidade” em virtude da pesquisa empírica ainda não ter sido finalizada. Além do que, não podemos negligenciar que muitos dos usos das novas mídias, especialmente através da internet, voltam-se para salas de bate-papo, postagens de fotos de si, dentre outros usos que, a priori, não configuram um exercício cidadão, apesar de termos em conta que apropriações deste tipo contribuem para o movimento de pertença e de reconhecimento dos indivíduos perante os seus pares.

¹³ Basta que pensemos na verdadeira profusão de *Lan Houses*, com acesso a preços módicos, nos subúrbios urbanos, sejam das grandes metrópoles ou de pequenas cidades do interior. Isso para não falar dos telecentros, que muitas vezes são gratuitos, apesar de que muitos deles não permitem acesso a todos os conteúdos e a todas as ferramentas da internet, como MSN ou Orkut, por exemplo.

CASTELLS, Manuel. *A Galáxia Internet: reflexões sobre a internet, negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. **Internet e sociedade em rede**. In: MORAES, Denis de (org.). *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record, p 255-287, 2003.

COGO, Denise. *Los estudios de recepción en América Latina: perspectivas teórico-metodológicas*. Portal de la Comunicación: Lección del Portal, Barcelona, 2008. A disponibilizar em:

http://www.portalcomunicacion.com/esp/aab_lec.asp

Acesso em: no prelo.

CORTINA, Adela. *Cidadãos do mundo: para uma teoria da cidadania*. São Paulo: Loyola, 2005.

ESTEVES, João Pissarra. *Espaço público e democracia: comunicação, processo de sentido e identidade social*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2003.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Corpo e forma: ensaios para uma crítica não hermenêutica*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1998.

LIMA, Simone. **Depoimento** [fev. 2009]. Entrevistador: Daniel Barsi Lopes. Fortaleza, 2009. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa Juventude, cidadania e multiculturalismo: *Aldeia, Encine e seus receptores-produtores midiáticos*.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século**. In: MORAES, Denis de (org.). *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MELUCCI, Alberto. *A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas*. Petrópolis: Vozes, 2001.

POSTER, Mark. **Cidadania, mídia digital e globalização**. In: MORAES, Denis de (org.). *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record, p 315-336, 2003.

RECUERO, Raquel. *Comunidades em redes sociais na internet: proposta de tipologia baseada no fotolog.com*. 334 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

RIBEIRO, Eliane; NOVAES, Regina. **Jovens da América do Sul: situações, demandas e sonhos mobilizados**. *Revista Democracia Viva*, n. 38, p. 3-9, março, 2008.

SEMPRINI, Andréa. *Multiculturalismo*. Bauru: EDUSC, 1999.

SIQUEIRA, Valdo. **Depoimento** [fev. 2009]. Entrevistador: Daniel Barsi Lopes. Fortaleza, 2009. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa Juventude, cidadania e multiculturalismo: *Aldeia, Encine e seus receptores-produtores midiáticos*.

TOURAINÉ, Alain. *Poderemos viver juntos?: iguais e diferente*. Petrópolis: Vozes, 1998.

WOLTON, Dominique. ***Sobre la comunicación: una reflexión sobre sus luces y sus sombras***. Madrid: Acneto, 1999.